

FRED VARGAS

# O EXÉRCITO FURIOSO

Tradução de Isabel St. Aubyn

# 1

Pequenas migalhas de pão formavam um carreiro entre a cozinha e o quarto, chegando mesmo aos lençóis lavados nos quais repousava a velha senhora, morta e de boca aberta. O comissário Adamsberg observava-as em silêncio, andando de um lado para o outro num passo lento, perguntando-se que Polegarzinho ou, naquele caso, que ogre as deixara ali. O apartamento era um escuro e exíguo rés do chão de três assoalhadas, no décimo oitavo bairro de Paris.

No quarto, a velha deitada. Na sala de jantar, o marido. Aguardava sem impaciência e sem emoção, olhando simplesmente para o jornal, dobrado na página das palavras-cruzadas, que não se atrevia a completar enquanto os polícias estivessem presentes. Relatara a sua breve história: ele e a mulher tinham-se conhecido numa companhia de seguros, ela era secretária e ele, contabilista; tinham-se casado, felizes, sem saber que a união duraria cinquenta e nove anos. Depois, a mulher morrera durante a noite. Paragem cardíaca, frisara ao telefone o comissário do décimo oitavo bairro. Este, acamado, telefonara a Adamsberg para o substituir. Faz-me este favor, não demorarás mais de meia hora, uma rotina matinal.

Adamsberg seguiu mais uma vez o trilha de migalhas. O apartamento estava impecavelmente arrumado, as poltronas resguardadas por encostos para a cabeça, as superfícies de plástico reluzentes, os vidros das janelas sem manchas, a louça lavada. Aproximou-se da caixa do pão, que continha meia *baguette* e, embrulhado num pano limpo, um grande naco de pão ao qual fora retirado o miolo. Voltou

para junto do marido e puxou uma cadeira para se abeirar da sua poltrona.

– Nenhuma boa notícia, esta manhã – disse o velho, desviando os olhos do jornal. – Também é verdade que este calor até baralha os caracteres. Mas aqui, no rés do chão, continua fresco. É por isso que deixo as persianas fechadas. E é preciso beber, é o que eles dizem.

– Não se apercebeu de nada?

– Quando me deitei, ela estava normal. Verificava sempre, por ser cardíaca. Foi esta manhã que vi que tinha morrido.

– Há migalhas de pão na cama.

– Ela gostava de comer qualquer coisa deitada. Um pedaço de pão ou uma tosta antes de adormecer.

– Parece-me pessoa para a seguir limpar todas as migalhas.

– Sem dúvida. Esfregava tudo de manhã à noite como se fosse essa a sua razão de viver. De início, não era muito grave. Mas, com os anos, tornou-se uma obsessão. Era capaz de sujar apenas para ter o que lavar. Só visto. Ao mesmo tempo, era uma ocupação para a pobre mulher.

– Mas, e o pão? Não limpou os restos, ontem à noite?

– Não pôde, porque fui eu que lhe levei o pão. Estava demasiado fraca para se levantar. Ela bem me disse que apanhasse as migalhas, mas, para mim, isso não tem importância. Ela fá-lo-ia no dia seguinte. Mudava os lençóis todos os dias. Porquê, não sei.

– Portanto, levou-lhe pão à cama e depois guardou-o de novo na caixa.

– Não, deitei-o no caixote do lixo. Estava muito duro, aquele pão, ela não conseguia comê-lo. Levei-lhe uma tosta.

– O pão não está no caixote, está dentro da caixa.

– Sim, eu sei.

– E sem miolo. Ela comeu-o todo?

– Claro que não, comissário. Porque haveria de se empanturrar com miolo de pão? Miolo seco? O senhor é mesmo comissário?

– Sou. Jean-Baptiste Adamsberg. Brigada criminal.

– Porque não veio a polícia de bairro?

– O comissário está de cama com uma gripe de verão. E a equipa está indisponível.

- Todos com gripe?
- Não, houve uma rixa durante a noite. Dois mortos e quatro feridos. Por causa de uma moto roubada.
- Que desgraça. Também é sabido que este calor perturba o juízo. O meu nome é Tuilot Julien, contabilista reformado da companhia ALLB.
- Eu sei, já tomei nota.
- Ela sempre me criticou por me chamar Tuilot, achava o seu nome de solteira, Kosquer, mais bonito. O que é verdade, de resto. Duvidei de que o senhor fosse comissário por estar a fazer essas perguntas todas sobre migalhas de pão. O seu colega não é assim.
- Acha que me preocupo demasiado com as migalhas?
- Faça como entender. Tem de fazer um relatório, precisa de escrever alguma coisa. Compreendo. Foi o que fiz durante toda a vida na ALLB, contas e relatórios. Se ao menos fossem relatórios honestos. Mas não. O patrão tinha uma divisa, que estava sempre a repetir: uma companhia de seguros não deve pagar, mesmo que tenha de pagar. Cinquenta anos a aldrabar desta maneira dá-nos cabo da cabeça. Eu dizia à minha mulher que seria bem mais útil lavar-me o cérebro em vez de lavar as cortinas.
- Tuilot Julien riu ao de leve, sublinhando o dito espirituoso.
- Acontece que não compreendo essa história do naco de pão.
- Para compreender, é preciso ser lógico, comissário, lógico e astuto. Eu, Tuilot Julien, sou-o. Em trinta e dois anos, ganhei dezasseis campeonatos de palavras-cruzadas das mais difíceis. Em média, um de dois em dois anos... só com o meu cérebro. Lógico e astuto. Rende dinheiro, a esses níveis. Isto – disse ele, apontando para o jornal – é uma brincadeira de crianças. Basta afiar o lápis muitas vezes, e caem aparas para o chão. O que eu passei com as aparas. Que o preocupa a propósito do pão?
- Não está no caixote, não o acho assim tão seco e não compreendo porque não tem miolo.
- Mistérios domésticos – comentou Tuilot, que parecia divertido.
- A verdade é que tenho dois pequenos hóspedes, o *Toni* e a *Marie*, um belo par, simpáticos como tudo, e que se amam de verdade. Mas que não agradam à minha mulher, pode crer. Não se diz mal dos

mortos, mas ela tentou matá-los de todas as maneiras. E eu há três anos que lhe troco as voltas! Lógico e astuto, é o segredo. Não és tu, minha pobre Lucette, que vais derrotar um campeão de palavras-cruzadas, dizia-lhe eu. Eu e aqueles dois formamos um trio, eles sabem que podem contar comigo, e eu com eles. Uma breve visita todas as noites. Como são espertos, e muito delicados, nunca vêm antes de a Lucette se deitar. Sabem perfeitamente que estou à espera deles. O *Toni* é sempre o primeiro a chegar, é mais gordo, mais forte.

– E foram eles que comeram o miolo? Quando o pão estava no caixote?

– É uma coisa que eles adoram.

Adamsberg olhou de relance para as palavras-cruzadas, que não lhe pareceram assim tão simples, depois arredou o jornal.

– Eles quem, monsieur Tuilot?

– Não gosto de falar deste assunto, as pessoas desaprovam. São fechadas, as pessoas.

– Animais? Cães, gatos?

– Ratos. O *Toni* é mais escuro do que a *Marie*. Gostam tanto um do outro que muitas vezes, mesmo a meio das refeições, as interrompem para esfregar a cabeça um ao outro. Se as pessoas não fossem tão tapadas, apreciariam espetáculos como este. A *Marie* é a mais vivaça. Depois de comer, trepa para o meu ombro e passa-me as unhas pelo cabelo. Penteia-me, por assim dizer. É a sua maneira de me agradecer. Ou de me amar? Quem sabe? Enfim, é reconfortante. Em seguida, depois de trocarmos tantas gentilezas, separamo-nos até ao dia seguinte à noite. Voltam para a cave pelo buraco atrás do cano da água. Um dia, a Lucette cimentou tudo. Pobre Lucette, não sabe fazer cimento.

– Compreendo – aquiesceu Adamsberg.

O velho recordava-lhe Félix, que podava videiras a oitocentos e oitenta quilómetros dali. Domesticara uma cobra dando-lhe leite. Um dia, um tipo matara a cobra. Então, Félix matou o tipo. Adamsberg voltou ao quarto onde o tenente Justin velava a defunta enquanto esperava pelo médico de família.

– Espreita para dentro da boca – disse ele. – Procura resíduos brancos, como migalhas de pão.

– Não me apetece muito fazer isso.

– Mas faz, mesmo assim. Acho que o velho a asfixiou com miolo de pão. Depois retirou-o e escondeu-o algures.

– O miolo que estava no naco de pão?

– Sim.

Adamsberg abriu a janela e as persianas do quarto. Examinou o pequeno pátio, atulhado de penas de pássaro, meio transformado em arrecadação. No centro, uma grelha tapava o ralo de evacuação das águas. Ainda estava molhada, embora não tivesse chovido.

– Vai levantar a grade. Creio que deitou o miolo para ali e despejou um balde de água por cima.

– É estúpido – murmurou Justin, apontando a lanterna para a boca da velha senhora. – Se fez isso, porque não deitou fora a côdea? E porque não limpou as migalhas?

– Para deitar fora a côdea, teria de se deslocar até aos contentores e, portanto, de sair à rua à noite. Há uma esplanada mesmo aqui ao lado, com certeza cheia gente nas noites quentes. Seria visto. Imaginou uma boa explicação para o naco de pão e para as migalhas. Tão original que parece verdadeira. É um campeão de palavras-cruzadas, tem a sua maneira de ligar ideias.

Adamsberg, desolado e ao mesmo tempo algo admirado, voltou para junto de Tuilot.

– Quando a *Marie* e o *Toni* chegaram, voltou a tirar o pão do caixote do lixo?

– Não, eles sabem abri-lo e gostam de o fazer. O *Toni* senta-se no pedal do caixote, a tampa abre-se, e a *Marie* tira tudo o que lhes interessa. Espertos, hem? Astutos, nada a dizer.

– Portanto, a *Marie* tirou o pão do caixote. E depois comeram os dois o miolo? Sempre muito apaixonados?

– Isso mesmo.

– O miolo todo?

– São ratazanas grandes, comissário, e vorazes.

– E as migalhas? Porque não comeram as migalhas?

– Comissário, estamos a falar da Lucette ou das ratazanas?

– Não compreendo porque guardou o pão depois de ter sido roído pelos ratos. Quando, antes disso, o tinha deitado para o caixote do lixo.

O velho acrescentou umas tantas letras às palavras-cruzadas.

– O senhor não deve ser lá muito bom em palavras-cruzadas, comissário. Se eu tivesse deitado para o caixote apenas a côdea, a Lucette perceberia que o *Toni* e a *Marie* cá tinham estado.

– Podia ter ido desfazer-se dela lá fora.

– A porta chia como um porco no matadouro. Não reparou?

– Reparei.

– Portanto, guardei simplesmente o pão na caixa. Para evitar uma cena matinal. Porque, a cenas, assisto eu todos os dias até mais não poder. Meu Deus, há cinquenta anos que ela resmunga ao passar o pano do pó por todo o lado, debaixo do meu copo, debaixo dos meus pés, debaixo do meu traseiro. Dir-se-ia que não tenho o direito de caminhar, nem de me sentar. Se o senhor vivesse com alguém assim, também teria escondido o naco de pão.

– Ela não o veria dentro da caixa?

– Claro que não. De manhã, come tostas com passas. Deve fazer de propósito, porque estas tostas projetam milhares de migalhas. De tal maneira que, depois, se mantém ocupada durante duas horas. Está a ver a lógica?

Justin entrou na sala, dirigiu um breve sinal afirmativo a Adamsberg.

– Mas ontem – disse Adamsberg levemente consternado – as coisas não se passaram assim. Retirou todo o miolo do pão, duas grandes mancheias, e enfiou-lho na boca. Quando ela deixou de respirar, pegou no miolo e deitou-o fora, pelo ralo do esgoto do pátio. Intriga-me que tenha escolhido esta maneira para a matar. Nunca vi ninguém asfixiar uma pessoa com miolo de pão.

– É inventivo – confirmou tranquilamente Tuilot.

– É com certeza capaz de imaginar, senhor Tuilot, que encontraremos saliva da sua mulher no miolo do pão. E, como o senhor é lógico e astuto, que também encontraremos marcas dos dentes dos ratos no naco. Deixou-os acabar com o miolo para credibilizar a sua história.

– Adoram enfiar-se num naco de pão, é um prazer vê-los. Ontem, passámos um belo serão, sim, sem dúvida. Até bebi dois

copos enquanto a *Marie* me arranhava a cabeça. Depois, lavei e arrumei tudo para evitar reprimendas. Mas ela já estava morta.

– Porque o senhor tinha acabado de a matar.

– É verdade – disse o homem, soltando um suspiro negligente, enquanto preenchia mais algumas casas das palavras-cruzadas.

– O médico viera visitá-la na véspera, garantira-me que ela ainda viveria alguns meses. O que significava mais umas dezenas de terças-feiras a comer *friands*<sup>1</sup> gordos, centenas de reprimendas, milhares de limpezas com o pano do pó. Aos oitenta e seis anos, temos o direito de começar a viver. Há noites assim. Noites em que um homem se levanta e age.

E Tuilot levantou-se, abriu as persianas da sala de jantar, deixando entrar o calor excessivo e persistente daquele princípio de agosto.

– Ela também não queria abrir as janelas. Mas não falarei de tudo isto, comissário. Direi que a matei para a poupar ao sofrimento. Com miolo de pão porque ela apreciava, como uma derradeira guloseima. Tinha planeado tudo aqui – explicou ele, batendo na testa. – Não haverá provas de que não o fiz por caridade. Hem? Por caridade? Serei absolvido e, passados dois meses, estarei de volta a esta casa, pousarei o copo diretamente sobre a mesa, sem ter de ir buscar um *napperon*, e sentir-nos-emos muito bem os três, eu, o *Toni* e a *Marie*.

– Sim, acredito – disse Adamsberg, levantando-se calmamente.

– Mas pode acontecer, senhor Tuilot, que não se atreva a pousar o copo em cima da mesa. E que porventura vá buscar o *napperon*. E que depois limpe as migalhas.

– E porque haveria de fazer isso?

Adamsberg encolheu os ombros.

– Pelo que já vi, é muitas vezes assim que se passam as coisas.

– Enfim, não se preocupe comigo. Sou astuto, eu.

– É verdade, senhor Tuilot.

---

<sup>1</sup> *Friand* – Especialidade feita de massa folhada e recheio doce ou salgado, massa de amêndoas ou carne picada. (*N. da T.*)



\*

Lá fora, o calor obrigava as pessoas a caminhar pela sombra, co-sendo-se com as paredes, ofegantes. Adamsberg decidiu optar pelos passeios desertos e expostos ao sol, deixando-se arrastar a pé rumo a sul. Uma longa marcha para esquecer o rosto radiante – e de facto astuto – do campeão de palavras-cruzadas. Que, talvez, numa próxima terça-feira, comprasse um *friand* gordo para o jantar.